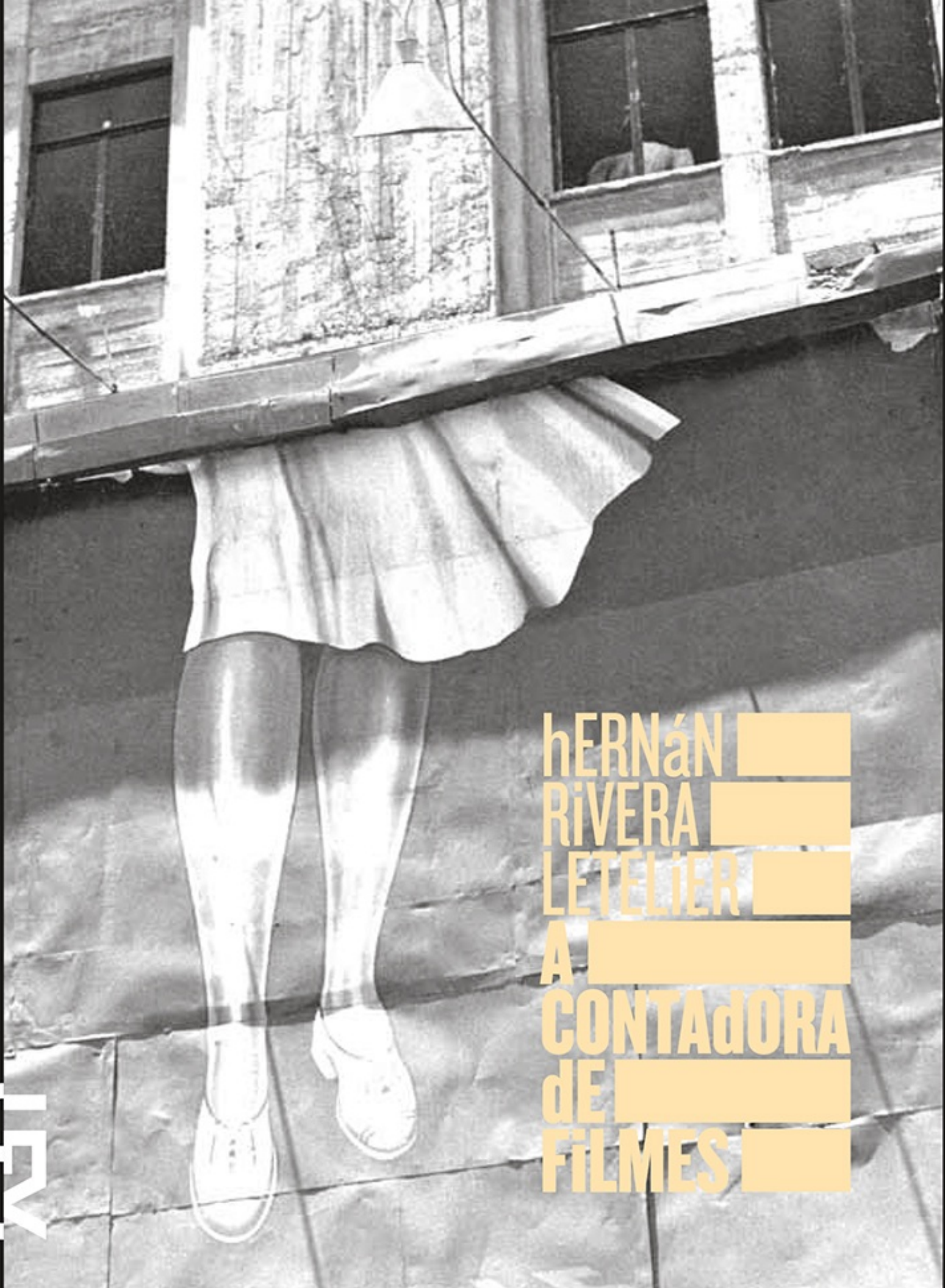
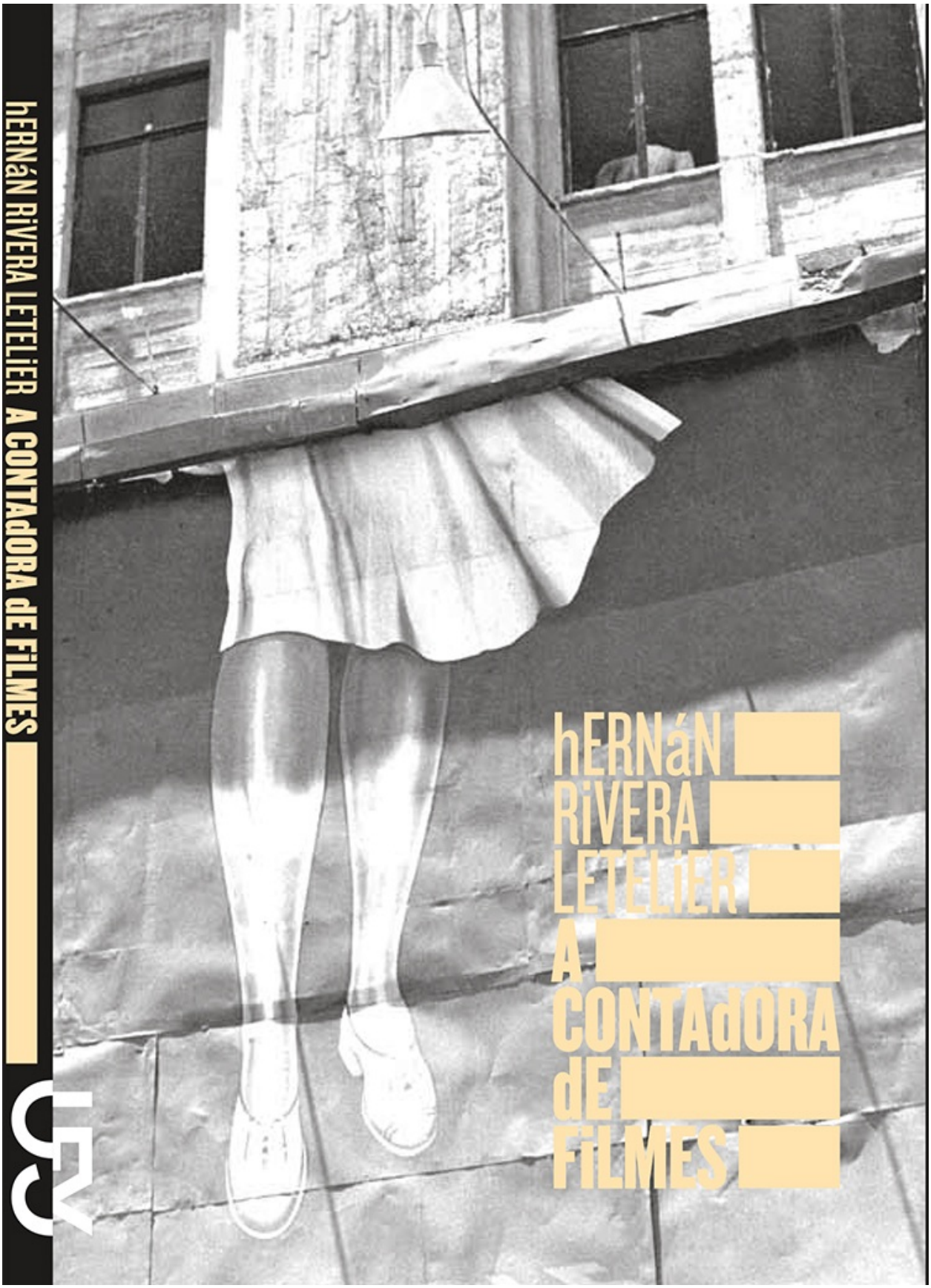


hERNáN RiVERA LETELiER
A CONTAdORA dE FiLMES

hERNáN RiVERA LETELiER A CONTAdORA dE FiLMES


hERNáN
RiVERA
LETELiER
A
CONTAdORA
dE
FiLMES

hERNáN RiVERA LETELiER A CONTAdORA dE FiLMES

UV

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

COSACNAIFY

HERNÁN RIVERA LETELIER

A CONTADORA DE FILMES

TRADUÇÃO ERIC NEPOMUCENO

Para Cláudio Abarca, o Urso,
que tinha um primo contador de filmes.

“Somos feitos do mesmo material dos sonhos.”
Shakespeare

“Somos feitos do mesmo material dos filmes.”
Fada Docine

[I]

Como em casa o dinheiro andava a cavalo e a gente andava a pé, quando chegava um filme no acampamento da Mina e meu pai – só pelo nome do ator ou da atriz principal – achava que parecia ser bom, as moedas eram juntadas uma a uma, o preço exato da entrada, e me mandavam assistir.

Depois, ao voltar do cinema, eu tinha de contar o filme para a família inteira reunida na sala.

[2]

Era lindo, depois de ver o filme, encontrar meu pai e meus irmãos me esperando ansiosos em casa, sentados enfileirados que nem no cinema, penteadinhos e de roupa limpa, recém-mudada.

Meu pai, com uma manta boliviana cobrindo as pernas, ocupava a única poltrona que a gente tinha, e assim era a plateia lá de casa. No chão, do lado da poltrona, brilhava sua garrafa de vinho tinto e o único copo que havia sobrado em casa. A galeria era aquela bancada comprida, de madeira bruta, onde meus irmãos se acomodavam em ordem, do menor ao maior. Depois, quando alguns de seus amigos começaram a aparecer na janela, a janela virou o balcão.

Eu chegava do cinema, tomava rapidinho uma xícara de chá (que deixavam pronto me esperando) e começava a minha função. De pé na frente deles, de costas para a parede pintada a cal, branca feito a tela do cinema, começava a contar o filme "de a a z", como dizia meu pai, tratando de não esquecer nenhum detalhe, nem da história, nem dos diálogos, nem dos personagens.

Aliás, devo esclarecer aqui que não me mandavam para o cinema só por ser a única mulher da família e eles – meu pai e meus irmãos – serem cavalheiros com as damas. Não senhor. Eles me mandavam porque eu era a melhor contando filmes. Assim mesmo, como se ouve: a melhor contadora de filmes da família. Depois, passei a ser a melhor da viela e em pouco tempo a melhor do povoado. Que eu saiba, não havia ninguém no povoado da Mina que ganhasse de mim na hora de contar filmes. Do tipo que fosse: de caubóis, de terror, de guerra, de marcianos, de amor. E, claro, os filmes mexicanos, que eram os que papai, como todo mundo que tinha vindo do sul, mais gostava.

E foi justamente com um filme mexicano, desses cheios de cantorias e muito choro, que ganhei meu título. Não foi nada fácil ganhar esse título.

Ou vocês acham que fui eleita só por causa da minha fina estampa?

[3]

Éramos cinco filhos na família. Quatro homens e eu. Nós cinco formávamos uma escadinha perfeita, em tamanho e idade. Eu era a menor. Vocês imaginam o que significa crescer numa casa só de irmãos homens? Nunca brinquei de boneca. Em compensação, era campeã em bolinhas de gude e no jogo de palitinhos. E na hora de matar lagartixas nas minas de cal ninguém ganhava de mim. Era eu botar o olho e paf, lagartixa morta.

Andava de pé no chão todo santo dia, fumava escondida, usava um boné de aba virada e tinha até aprendido a mijar de pé.

A gente *mija* de pé, a gente *urina* de cócoras.

E eu mijava em qualquer lugar do deserto de salitre, igual aos meus irmãos. Até nas competições de quem mijava mais longe às vezes eu ganhava. E contra o vento.

Quando fiz sete anos entrei na escola. Além do sacrifício de ter que usar saia, me custou um bocado acostumar a urinar como as senhoritas.

Custou mais do que aprender a ler.

[4]

Quando papai teve a ideia do concurso, eu tinha dez anos e estava no terceiro ano do primário. Sua ideia consistiu em mandar a gente, um por um, para o cinema, e depois nos fazer contar o filme. Quem contasse melhor iria toda vez que passasse um dos bons. Ou um mexicano. O mexicano podia ser bom ou ruim, para meu pai isso não importava. Desde, é claro, que houvesse dinheiro para a entrada.

Os outros iam ter de se conformar em ouvir, depois, o filme ser contado em casa. Nós todos gostamos da ideia; todos nós nos sentíamos capazes de ganhar. Não era em vão que, como todas as outras crianças do povoado, cada vez que íamos ao cinema saíamos imitando os mocinhos do filme em suas melhores cenas.

Meus irmãos sabiam imitar perfeitamente o caminhar cambaio e o olhar oblíquo de John Wayne, o gesto de desprezo de Humphrey Bogart e as incríveis caretas de Jerry Lewis.

Eu os matava de rir ao tratar de piscar as pestanas feito Marilyn Monroe, ou de imitar as boquinhas de menina inocente – voluptuosamente inocente – de Brigitte Bardot.

[5]

Alguns se perguntarão por que meu pai não ia, ele mesmo, ao cinema; pelo menos quando passassem um filme mexicano. Meu pai não conseguia andar. Tinha sofrido um acidente de trabalho que o deixou paralítico da cintura para baixo. Não trabalhava mais. Recebia uma pensão de invalidez que era uma miséria, mal dava para comer.

Nem preciso dizer que a gente não tinha nem para uma cadeira de rodas. Para levá-lo da sala para o quarto, ou do quarto para a porta da rua – onde ele gostava de beber sua garrafa de vinho tinto vendo passarem a tarde e seus amigos –, meus irmãos tinham adaptado as rodas de um velho triciclo na poltrona. O triciclo tinha sido o primeiro presente de páscoa do meu irmão mais velho e as rodas não aguentavam muito o peso do meu pai, dobravam, e era preciso ficar consertando tudo o tempo inteiro.

E a minha mãe? Bom, minha mãe, depois do acidente, abandonou meu pai. Abandonou meu pai e nos abandonou, os seus cinco filhos. Assim, num vupt! Por isso lá em casa meu pai tinha nos proibido de falar dela; da "sirigaita", como a chamava com desdém.

"Não me falem dessa sirigaita" – dizia ele, quando algum de nós, sem querer, deixava escapar a palavra mamãe.

Depois, entrava no silêncio e a gente levava horas até conseguir tirá-lo de lá.

[6]

Lembro que quando minha mãe estava com a gente – antes que acontecesse a desgraça – éramos uma família completa, e lembro que meu pai trabalhava (e não bebia tanto), e que ela o recebia com um beijo quando ele chegava do trabalho, e que nos fins de semana íamos todos juntos, os sete, ao cinema.

Como eu gostava do ritual de se preparar para ir ao cinema!

Meu pai chegava dizendo "Hoje vão passar um com o Audie Murphy!" (naquele tempo, eram os astros e estrelas quem dava categoria aos filmes).

Então a gente punha as nossas melhores roupas. A gente punha até sapato. Minha mãe penteava cada um dos meus irmãos; penteava com limão, e fazia um risco que parecia feito com régua. Menos o Marcelino, o quarto dos meus irmãos, que tinha um cabelo duro feito crina e por mais que o penteassem do jeito que fosse, acabava sempre com a cabeça parecendo um livro aberto. Em mim ela fazia um rabo de cavalo, que prendia com elásticos negros, tão apertado que eu achava que os olhos iam saltar da minha cara.

A gente ia sempre à sessão vespertina.

Eu adorava, porque para mim o entardecer era a hora mais bonita do pampa. Os últimos raios de sol pintavam de ouro o óxido das chapas de zinco e as cores do crepúsculo faziam jogo com os lenços de seda que minha mãe usava.

Ela adorava lenços de seda.

Tal como era costume no deserto, nós íamos pelo meio da rua de terra, de frente para os arrebóis, aquela hora em que a cor do sol se misturava a todas as outras. Meu pai caminhava levando minha mãe pelo braço, e todos os homens que passavam o cumprimentavam.

"Boa tarde, mestre Castillo!"

"Boas, senhor fulano!"

Eu reparava que o cumprimentado era ele, mas a olhada era minha mãe. É que ela era muito linda e jovem, e ao andar movia as cadeiras como as atrizes dos filmes.

Ao chegar à esquina do cinema nós ouvíamos a música emergindo dos velhos alto-falantes e nossos corações se enchiam de júbilo. Fora da sala havia carrinhos com docinhos e essas coisas. Minha mãe comprava pastilhas Namoro

para ela e para papai, e um saco de pipocas açucaradas para cada um de nós.

Éramos quase sempre dos primeiros a entrar no cinema.

[7]

Nós não fazíamos como as outras pessoas, que esperavam os acordes da marcha que indicava o começo da sessão para entrar feito manada na sala. A gente gostava de chegar cedo e esperar o filme lá dentro.

Eu ficava fascinada com o vazio da sala do cinema na penumbra; parecia uma espécie de caverna misteriosa, secreta, sempre inexplorada. Ao atravessar as pesadas cortinas de veludo me dava a sensação de passar da crueza do mundo real a um maravilhoso mundo mágico.

Nós nos sentávamos na primeira fila, quase grudados naquela enorme telona branca que para mim era como o altar-mor de uma igreja. O auge daquele ritual todo acontecia no maravilhoso instante em que as luzes se apagavam, as cortinas da entrada eram fechadas, a música silenciava e a tela se enchia de vida e de movimento.

Eu ficava como suspensa no ar.

Era esse o clímax do estranho sortilégio que o cinema exercia em mim. Em mim e na minha mãe. Agora eu sei disso. A diferença entre nós duas e meu pai e meus irmãos era que eles apenas gostavam de cinema; nós ficávamos enlouquecidas.

Ao apagar das luzes todos se endireitavam e ficavam duros na frente da tela. Eu não. Eu virava a cabeça para ver aparecer o raio de luz que saía pelas janelinhas do quartinho de projeção e percorria o espaço sobre nós até se chocar com a tela e explodir em imagens e sons. E muitas vezes, quando o filme não era interessante de verdade do jeito que eu esperava (muita conversa e pouca ação), eu deixava de ver a tela para contemplar, encantada, aquele feixe mágico de pó luminoso. Eu achava um prodígio que aquele jorro de luz pudesse transportar coisas tão impressionantes como trens perseguidos por índios a cavalo, barcos de piratas em mares de tormenta e dragões verdes exalando fogo por suas sete cabeças.

E naquele tempo eu pensava que por ali fluía também a voz, o estampido dos tiros, as canções tão bonitas dos *mariachis* dos filmes mexicanos. Depois, aprendi que não. Também aprendi muitas outras coisas, algumas assim mais técnicas, como, por exemplo, que eram 24 quadros por segundo – ou fotogramas

– aquilo que passava diante dos olhos dos espectadores para dar a ilusão de movimento.

Não sabia para quê aquele tipo de sabedoria iria me servir, mas eu queria saber tudo de cinema. Isso aconteceu quando dei para ler as revistas *Écran* que descobri na biblioteca do povoado da Mina.

Eu lia feito uma desmiolada.

Mas não quero me antecipar, porque isso foi depois que me transformei em contadora de filmes.

[8]

As casas do povoado, como em todos os salitrais do deserto, definiam perfeitamente as três classes sociais que imperavam: as casas de chapas de zinco dos peões, as casas de adobe dos empregados, e os luxuosos chalés dos gringos.

A nossa casa era um barracão de zinco carcomido dividido em três partes. A primeira era a "sala de visitas", como todo mundo dizia (embora em nossa casa nunca tenha havido visitas). A segunda servia de dormitório, e a terceira parte, a lá do fundo, de cozinha e sala de jantar. No dormitório cabiam exatamente as três camas de ferro forjado que a gente tinha. Numa, dormia meu pai; na outra, meus três irmãos maiores; e na terceira, meu irmão Marcelino e eu.

Eu, virada para a cabeceira; ele, para o pé da cama.

Do maior para o menor, os nomes de meus irmãos eram Mariano, Mirto, Manuel e Marcelino. O meu é Maria Margarita. Como já devem ter percebido, meu pai tinha uma fixação por nomes que começavam com eme. Isso, desde que, segundo ouvi ele mesmo contar certa vez, percebeu que, além dele se chamar Medardo, sua mãe se chamava Martina e seu pai, Magno.

Hoje, acho que a única razão que fez meu pai se casar com minha mãe foi ela se chamar Maria Magnólia. É que eles não tinham afinidade alguma, não se pareciam em nada. Eram feito água e óleo. Além do mais, meu pai tinha uma diferença de vinte e cinco anos a mais do que ela.

"Era assim que se usava antigamente no campo", ouvi minha mãe dizer, num suspiro de desencanto, quando uma vizinha achou estranho aquele contraste de idades.

[9]

Meu pai sempre dizia, quando falava do sortilégio dos nomes com *eme*, que esse era o segredo dos maiores artistas de cinema. Se não, bastava olhar para Norma Jean: não passava de uma empregadinha de loja até se rebatizar como Marilyn Monroe. Ou, se preferissem o exemplo ao contrário, aí estava Cantinflas, o maior dos cômicos do cinema hispânico, e que tinha triunfado graças a se chamar na vida real Mario Moreno. Era simples assim. Não acredita? Meu pai fazia uma pausa, olhava para o interlocutor como o verdugo olharia para o condenado antes do golpe, e acrescentava aquilo que uma vez tinha ouvido por aí e que para ele vinha a ser a confirmação indesmentível de sua teoria, uma espécie de machadada mortal.

"A senhorita sabia, paisaninha" – dizia ele, saboreando as palavras – "que no começo, quando era apenas um artista de circo, Mario Moreno atuava fazendo dupla com um cômico que se chamava Manuel Medel?"

Agora chego a acreditar que gostava mais de Marilyn Monroe pelos *emes* de seu nome que por qualquer outra coisa. Ele sempre quis ter uma "filha mulher" para batizar desse jeito. Minha mãe dizia que nem morta. Ela garantia detestar "essa loura oxigenada que nem sabe trabalhar direito nos filmes". E, no entanto, era a atriz que ela imitava ao caminhar. E quando, pouco antes de nos abandonar, ouviu a notícia da sua morte, chorou a noite inteira, inconsolavelmente.

Como em casa, para decepção de meu pai, começou a nascer um homem atrás de outro, não houve maiores problemas na hora de escolher os nomes, a não ser quando chegou o quarto filho. Foi quando ele não aguentou mais e quis batizá-lo como Marilyno.

Minha mãe se opôs com uma faca de cozinha na mão.

A grande guerra, porém, foi quando eu nasci. Diziam que meu pai flutuava de alegria quando soube que enfim tinha nascido uma princesinha. Agora sim, ele ia ter uma Marilyn em casa. Mas minha mãe se negou e até ameaçou com divórcio. No fim meu pai se conformou com o par de emes, e passei a me chamar Maria Margarita, um nome que, para dizer a verdade, jamais gostei muito: me soava a mansidão, a conformismo, a mãe submissa.

E eu queria ser outra coisa na vida.

Não sabia o quê, mas outra coisa.

Nisso eu me parecia com a minha mãe. Ela nunca estava conformada com nada, andava sempre mudando o penteado, provando maquiagens novas, ensaiando beicinhos e poses na frente do espelho, repetindo uma coisa que a menina que eu era naquele tempo mal atinava a entender:

"Por que se conformar com ser vaga-lume, digo eu, podendo ser estrela?"

E se requebrava feito louca na frente do espelho.

Por isso, quando me tornei conhecida como contadora de filmes, procurei um nome mais de acordo com a minha arte. Mas continuo adiantando a história.

Paciência, essa parte vem depois.

[10]

Devo confessar que nunca imaginei que seria a vencedora do concurso de quem contava melhor um filme. É que meu irmão Mirto, o segundo, apelidado de Pássaro, que em casa era o responsável pelas compras, era o favorito de todo mundo. Ele sempre foi alegre e falastrão e passava o dia contando coisas que aconteciam com ele; tinha muito senso de humor.

Já meu irmão Mariano, o mais velho, que por causa de sua gagueira era chamado de Caterpillar – ele se encarregava de cozinhar, apesar de ser o mais inteligente de todos, e "mais sério que cabo de polícia", como dizia meu pai –, não tinha nenhuma possibilidade, por causa de sua fala quebrada. O coitado tinha começado a gaguejar quando nossa mãe foi-se embora.

Meu irmão Manuel, o terceiro (era quem cuidava da limpeza), nem gostava muito de cinema. Para ele, o que mais importava no mundo era o futebol; era um peladeiro impenitente; suas partidas duravam o dia inteiro, o primeiro tempo de manhã e o segundo de tarde, com um breve intervalo para o almoço. Por causa de seu hábito de fazer um montinho de terra cada vez que ia chutar a bola, foi apelidado de Morrinho.

No deserto, todo mundo exibia com orgulho a condecoração de um apelido; quem não tinha apelido era um nonato, um zé ninguém, não existia.

Meu quarto irmão, Marcelino, o Cabeça de Livro, tinha alma de artista. Gostava de desenhar e pintar com lápis de cor. Em casa era mais para o calado, gostava mais de ouvir que de falar. E sua única tarefa era tirar o lixo.

Depois vinha eu, e, por ser mulher, ninguém dava um tostão por mim. Eles achavam que as mulheres só prestavam para fazer as camas e lavar os pratos – daí que eu cuidava da casa – e por isso não tinha a menor chance. Acontece que havia três coisas que me davam vantagem em cima deles, embora nem eu mesma soubesse. A primeira é que eu devorava os quadrinhos de Hopalong Cassidy, de Gene Autry, de Kid Colt e todos os heróis do Velho Oeste, e eles não liam nada. A segunda é que eu era louca pelas novelas de rádio, uma paixão que tinha herdado da minha mãe, que, comigo nos braços, jamais perdia um capítulo de *Esmeralda, a filha do rio*. E a terceira era uma coisa que até papai ignorava: quando eu era muito pequena, minha mãe me fazia dormir contando

para mim filmes românticos – os seus favoritos –, coisa que não fez com nenhum dos meus irmãos.

"Essas coisas são mais nossas, das mulheres", dizia ao me dar uma piscada de cumplicidade que eu adorava.

[II]

O primeiro a ir ao cinema foi meu irmão Mariano, o Caterpillar. Sua narração foi um desastre. Naquele dia passou um de guerra – alemães contra norte-americanos –, e a única coisa que se entendia e saía emendado da boca do pobrezinho era o matracar das metralhadoras. E a mímica. Sua mímica era genial. Eu acho que nos tempos do cinema mudo ele teria sido muito bom.

Na vez do meu irmão Mirto, o Pássaro, passaram um de índios, com Jack Palance. Sua narração foi extraordinária. O galope dos cavalos, os tiros, os gritos dos índios, os sinais de fumaça. A gente até achava que estava ouvindo o assovio das flechas passando sobre nossas cabeças, zuuuummm! A única coisa ruim era que Mirto contava tudo na base de "babaquices" e "cagadas":

"*Então, quando o babaca sacou do revólver e atirou na cabeça da babacona, deu uma tremenda cagada porque os outros babacas nem cagando iam deixar que cagassem neles daquele jeito...*".

Manuel, que até que contava direito, contou um filme de vampiros. Acontece que se perdeu por amor. Aos doze anos, estava apaixonado pela filha do dono da loja mais sortida da Mina – era o único dos irmãos que namorava –, e passou a hora e quarenta minutos que durou o filme abraçando a menina, que gemia de medo.

Já com meu irmão Marcelino aconteceu o cúmulo da má sorte. Calado por natureza – "desse menino, é preciso arrancar as palavras com um saca-rolhas", dizia minha mãe quando morava com a gente –, na vez dele caiu *O velho e o mar*, um filme quase sem fala.

Sua narração só durou cinco minutos.

Duas semanas mais tarde chegou, enfim, a minha vez, a vez da irmã menor, Maria Margarita, M M, como às vezes meu pai me chamava. Embora eu não tivesse apelido oficial, sabia que pelas costas alguns meninos me chamavam de Maria Machona. O apelido, é verdade, não era muito refinado, mas se observarem bem verão que é composto por duas palavras que começam com a letra *eme.*

Durante essas duas semanas chegaram vários filmes bons, e alguns muito bons, mas não houve dinheiro para comprar a entrada. Era meados do mês e

mal dava para comer e para a garrafinha de vinho de meu pai.

"A gente tem que esperar o pagamento da pensão", dizia ele. E aconteceu que justo no dia do pagamento apareceu no anúncio do cinema nada menos que *Ben-Hur*, o filme que todo mundo no povoado esperava com ansiedade.

Meus irmãos ficaram loucos.

Todos queriam ir ao cinema. Ou pelo menos que o Mirto fosse, já que até aquele momento tinha sido quem melhor havia contado um filme.

Mas meu pai, que era um homem justo, se negou.

"Agora é a vez de Maria Margarita e quem vai é a Maria Margarita. E ponto final".

[12]

O filme durou três horas. Chorei mais que Sara García, a veterana atriz do cinema mexicano. Eu nunca havia gostado tanto de um filme. Depois soube que, além de ser tão longo, tinha sido o filme mais caro da história. E que havia ganhado onze prêmios Oscar. E além de tudo, Charlton Heston era um dos atores de quem eu mais gostava.

Cheguei em casa com os olhos vermelhos. Todos me esperavam com grande expectativa. Tomei em silêncio a xícara de chá, me pus na frente deles, e sem que meus joelhos tremessem nem nada, comecei a minha narração.

Foi então que alguma coisa se apoderou de mim.

Enquanto contava o filme – gesticulando, dando braçadas, mudando a voz – ia como que me desdobrando, transformando, convertendo-me em cada um dos personagens. Naquela tarde fui Ben-Hur, o jovenzinho. Fui Messala, o malvado do filme. Fui as duas mulheres leprosas que Jesus curou.

Fui o mesmíssimo Jesus.

Eu não estava contando o filme, eu estava atuando o filme. Mais ainda: eu estava vivendo o filme. Meu pai e meus irmãos me ouviam e olhavam para mim de boca aberta.

"Essa menina é uma artista completa", comentou meu pai quando, esgotada até a última gota, acabei de contar o filme.

Ele e meus irmãos pareciam estar flutuando.

E estavam com os olhos marejados.

[13]

Aquela narração, porém, não foi suficiente para me dar o título. Meu pai declarou empate: meu irmão Mirto e eu tínhamos sido os melhores. E como era um democrata convicto, disse que aquela questão ia ser resolvida através das urnas. E em votação secreta.

Mirto seria o candidato número 1.

Eu seria a candidata número 2.

Foram cortados quatro papeizinhos iguais, distribuídos entre os votantes (os candidatos não tinham direito a voto). Cada um escreveu o número do seu candidato e depois depositou o papelzinho num cone de papel.

E veio a contagem.

Dois votos para meu irmão e dois votos para mim (eu intuí que meu pai e Marcelino tinham votado em mim). Para desempatar, meu pai decidiu fazer o que era mais justo e razoável: nós dois iríamos, juntos, ver o próximo filme. E quem contasse melhor seria o vencedor.

Fomos então ver juntos um filme mexicano carregado de canções; se chamava *Guitarras de medianoche* e era com ninguém menos que Miguel Aceves Mejía e Lola Beltrán, duas das vozes que mais soavam nos bares do deserto. Meu irmão contou primeiro, e com a mesma graça de sempre. Principalmente quando imitava o sotaque mexicano.

Acontece que eu, que também dominava o tom da fala dos mexicanos (tantos tinham sido os filmes deles que eu tinha visto em minha curta vida), além de contar o filme descrevendo as paisagens e tudo, de repente desandei a cantar as canções interpretadas no filme (de tanto ouvir nos alto-falantes dos bares, sabia todas elas de cor). Eles, que nunca tinham me ouvido cantar, acharam estranho que eu cantasse. E que cantasse tão bem.

Até para mim foi uma surpresa.

Meu pai ficou deslumbrado. Principalmente quando cantei *No soy monedita de oro*, uma das suas canções favoritas. Foi quando o democrata se esqueceu de votos e plebiscitos e me declarou ganhadora absoluta.

"E ponto final!" rugiu ele quando Mirto quis insinuar um protesto.

[14]

E assim me transformei oficialmente na contadora de filmes lá de casa.

A partir desse dia deixei de jogar bolinhas de gude, abandonei as búricas e já não acompanhei mais meus irmãos até a mina de cal para matar lagartixas. Em vez disso, nos dias em que não ia ao cinema – por falta de dinheiro ou porque os nomes dos protagonistas não diziam nada ao meu pai – eu ficava em casa treinando mudanças de vozes e ensaiando trejeitos e caras e bocas na frente do espelho.

Queria contar os filmes cada vez melhor.

No cinema comecei a me deter em detalhes que a maioria dos espectadores passava por alto; pequenos detalhes que me serviam para dar mais ênfase às minhas narrações: a forma acanalhada da loura amante do mafioso pintar os lábios, um tique quase despercebido do pistoleiro nos instantes que antecediam o sacar do revólver, a forma em que os soldados acendiam o cigarro nas trincheiras para que o inimigo não visse o fulgor do fósforo.

Passado algum tempo, já não me conformei só com a mímica e as mudanças de voz, e incorporei elementos externos, como no teatro. A primeira coisa de que me apoderei foram os revólveres de madeira dos meus irmãos, um chapéu antigo de meu pai e um guarda-chuva velho que minha mãe havia trazido do sul e que, é claro, nunca foi usado nos descampados do deserto.

Depois comecei a fabricar o meu próprio material cenográfico.

Como na escola eu era boa em trabalhos manuais, passava o tempo costurando véus e turbantes para os filmes árabes; fabricando leques para os espanhóis, e imensos chapelões para os filmes mexicanos. Fazia sabres chineses, capacetes de guerra, flechas de índios e vários tipos de máscaras. A primeira delas foi para imitar o Zorro. A coisa que mais gosto me deu, porém, foi confeccionar e ensaiar com o chapéu coco, a bengala e o bigode mosca de Carlitos, meu camarada de espírito.

Eu guardava todas essas coisas num caixote de chá, deixado ao alcance da mão, ao lado da parede branca.

[15]

Um dos problemas do cinema da Mina era que constantemente cortavam o filme. Quando isso acontecia desabava um alvoroço na sala. O público, vaiando e sapateando, provocava um ruído tremendo, culpava o ancião operador, conhecido pela insolência e o mau humor, reclamava da antiguidade das máquinas.

"Vão reclamar para o Caralho, bando de idiotas!", gritava ele pela janelinha da salinha de projeção. O Caralho era o concessionário do cinema, um espanhol que também tinha uma loja de roupas e administrava o matadouro.

No fim, os únicos que perdiam éramos nós, os espectadores, porque sempre, ao recomeçar o filme, várias cenas tinham sido escamoteadas. Para mim, em todo caso, isso era o de menos. Em casa, não encontrava problema algum em imaginar ou inventar os acontecimentos que haviam sido garfados.

A mesma coisa costumava acontecer quando o Manco Filmeiro, como era chamado o operador, se confundia com os rolos de filme – principalmente quando ele tinha mergulhado nos copos – e víamos o final na metade do filme.

Ou o princípio no final.

Ou o meio no começo.

Tudo virava uma balbúrdia e ninguém entendia porra nenhuma.

Mesmo com esses percalços, embora ficasse um tanto mais complicado, também não era muito difícil para mim organizar a história na minha mente e depois contá-la do começo ao fim, como cabia a mim.

Acho que no fundo eu tinha alma de fuxiqueira, pois além de tudo me bastava bater os olhos nas duas ou três fotos pregadas no cartaz – pelo olhar lascivo do padre, o sorrisinho inocente da menina ou o gesto cúmplice da beata – para poder inventar uma trama, imaginar uma história inteira e passar o meu próprio filme.

[16]

Meu talento, em todo caso, não se sustentava apenas na minha louca imaginação.

Nem na minha boa memória. Nem nos floreios aprendidos com minha mãe e nos roucos narradores das radionovelas (em vez de dizer "Então beijou-a na boca", eu me esmerava um pouquinho mais: "Então apagou o cigarro, olhou-a nos olhos, rodeou-a com seus braços fornidos e posou seus lábios nos dela"). Nada disso importava tanto como a concentração.

O principal era a concentração.

Eu tinha um poder de concentração à prova de tudo. À prova das pessoas que iam ao cinema para conversar. À prova dos gritos dos menores. À prova dos coques na cabeça que lá de trás os barrabás maiores distribuíam. Mas, acima de tudo, à prova desses meninos licenciosos e um tanto maiores que iam ao cinema não para ver o filme, mas para dar o bote nas meninas.

Para eles, era como um esporte. E se uma de nós não deixava, eles chamavam de "pirralha" e se lançavam em cima de alguma outra. Sentavam-se ao lado de uma que estivesse sozinha e pouco a pouco pegavam em sua mão. Depois, tratavam de abraçá-la. De beijá-la. Alentados pelas meninas mais lançadas, ou pelas mais medrosas, alguns chegavam à ousadia de apertar seus seios. Ou de meter a mão no meio de suas pernas.

(Uma vez um dos barrabás mais grandalhões – diziam que era uma aposta – tirou a calcinha cor de rosa de uma menina, fez com que girasse triunfalmente sobre as cabeças e lançou-a ao ar, e como o filme era chatíssimo, os espectadores, com grande alvoroço, começaram a jogar a calcinha de um para outro).

Eu não deixava.

Mesmo que me dissessem que eu estava bancando a mosca morta. Não me importava nem um pouco. A verdade é que apesar de meus curtos anos eu já havia brincado brincadeiras de papai e mamãe com os amigos dos meus irmãos. Mas no cinema, eu ia para ver o filme.

Não podia, por motivo algum, me desconcentrar.

[17]

Agora, o que me causava inconvenientes – e dos grandes – eram os filmes com cenas de infidelidade conjugal. Aí, eu tinha de lançar mão de todo meu poder de fabulação e mudar o argumento, para não causar dor em meu pai.

Embora tivessem se passado uns bons pares de anos da fuga de mamãe, a ferida ainda sangrava, como ele dizia quando se embebedava.

Por isso, nós, além de não mencioná-la, tínhamos que evitar dizer ou fazer qualquer coisa que lhe trouxesse a lembrança dela; quando isso acontecia, o coitado acabava trancado no quarto, chorando amargamente em silêncio.

Como aconteceu no dia em que, depois de ver um filme espanhol, e para representar uma bailarina de flamenco, não me ocorreu nada melhor que pôr um dos vestidos que mamãe havia deixado em casa, um rendado, com bolinhas vermelhas, que ela gostava muito e que certamente não levou embora porque meu pai deve ter escondido.

Meu pai estava sempre escondendo aquele vestido, para que ela não usasse.

O vestido, que era perfeito para representar uma bailarina de flamenco, uma bailaora, com apenas um par de alfinetes pareceu ter sido feito sob medida para mim. Como acontecia com a maioria das meninas do deserto, embora eu ainda fosse fazer onze anos tinha o corpo demasiado desenvolvido para a minha idade.

Alguns homens diziam, com um brilho lúbrico no olhar, que o que fazia as meninas do deserto amadurecer antes do tempo era o salitre, não à toa elogiado em todas as latitudes como o melhor adubo natural do mundo.

Naquela noite, ao me ver com o vestido de mamãe, meu pai ficou lívido, jogou na parede o copo de vinho (o único que tinha sobrado em casa) e, cuspindo, me mandou tirá-lo.

A narração do filme foi suspensa e ele ficou três dias amuado no quarto, bebendo seu vinho numa caneca de porcelana.

Não deixou nem que o deitássemos na cama.

Toda noite, entre um ranger de parafusos oxidados, esticávamos os ossos de suas pernas para deitá-lo, e pela manhã os dobrávamos de novo para sentá-lo na poltrona.

[18]

No povoado, enquanto isso, as pessoas começavam a falar de mim. “É a menina que conta filmes”, eu ouvia de vez em quando na fila do pão ou no armazém. Ou quando passava pela rua do comércio na saída do colégio. Mas minha popularidade se confirmou definitivamente na tarde em que, ao voltar do cinema, vi que havia mais gente que o normal me esperando em casa.

Além dos amigos de meus irmãos – que de olhar pela janela tinham passado a entrar e sentar no chão – meu pai havia convidado dois de seus antigos colegas de trabalho, que vieram me ouvir acompanhados por suas esposas e filhos. Meus irmãos tiveram que ceder o banco e sentar-se no chão com seus amigos.

Enquanto eu tomava minha xícara de chá e me preparava para contar o filme de pé, contra a parede branca, meu pai não cansava de repetir aos seus convidados que embora o filme fosse em preto e branco, e projetado em meia tela, essa menininha, compadre, parece contar em tecnicolor e cinemascope.

“Vocês vão ver com seus próprios olhos.”

Contar o filme com mais público me pareceu fascinante. Eu me sentia uma verdadeira artista. Acho que naquela vez fiz uma de minhas melhores apresentações. O filme era uma comédia musical, com atuação de Marisol, a menina prodígio da Espanha. As visitas ficaram encantadas. E não apenas com a minha forma de atuar, mas também com a interpretação das canções.

No final, os aplausos soaram como música em meus ouvidos.

A partir daquele dia começou-se a falar abertamente sobre meu particular talento de contadora de filmes, e a cada noite mais amigos de meu pai se faziam de convidados para ir até em casa me ouvir.

Para me ver e me ouvir.

[19]

Uma tarde, um dos convidados disse, assim ao léu, uma coisa que nós, da família, jamais tínhamos pensado: que podíamos cobrar entrada. Que o que eu fazia era um espetáculo artístico de verdade.

"E arte, amigos meus, a gente paga."

Assim, naquela noite, depois de conversar um par de horas com meus irmãos maiores – ninguém me perguntou nada –, meu pai encontrou a solução perfeita: não seria cobrada a entrada, mas se pediria uma doação voluntária.

"É o melhor a ser feito", disse. Mas antes teríamos que dar uma melhorada na sala.

No dia seguinte pusemos mãos à obra. Meus irmãos conseguiram um banco longo e uma cadeira velha, que consertaram na base de martelo e prego. Além disso, pusemos na sala um par de latas de banha e também uma caixa de cerveja e tudo que servisse para alguém sentar. Pusemos até mesmo a grande pedra que tinha sido embutida na porta da casa, onde meu pai, antes do acidente, se sentava para tomar sua garrafinha de vinho.

E a coisa começou a caminhar bem.

A "sala" se enchia de crianças e adultos, homens e mulheres. Havia os que iam ver o filme no cinema e depois vinham para casa para ouvi-lo contado. Depois saíam dizendo que o filme que eu tinha contado era melhor que o filme que tinham visto.

Animada por causa da minha popularidade, descuidando até mesmo das tarefas escolares, parei de ler as histórias em quadrinhos e me concentrei apenas na revista *Écran* (aprendi que Écran era a tela do cinema). Além de devorar todos os novos exemplares que chegavam na biblioteca, li uma cordilheira de números velhos que a bibliotecária me trouxe do depósito. Duas seções me interessavam especialmente: "Últimas estreias" e "Fofocagens hollywoodianas". Queria saber absolutamente tudo sobre os filmes e as atrizes que geralmente enfeitavam a capa da revista.

É que eu me sentia como uma delas.

Tanto assim, que pensei em procurar um pseudônimo. Eu era uma artista e merecia um nome de artista.

Um que combinasse com o que eu fazia, é claro.

[20]

Foi na *Écran* que eu descobri que a maioria dos atores e atrizes famosos usavam nomes fictícios, porque os deles, os reais, eram tão feios como o meu. Ou até mais. Como exemplo dos exemplos havia Pola Negri, a grande diva do cinema mudo. Eu sempre havia gostado muito do seu nome, achava que era perfeito para uma atriz. Mas um belo dia descobri com horror que era pseudônimo, e que seu verdadeiro nome era Apolônia Chavulez. Não podia ser verdade, me disse consternada. Com aquele nome a coitadinha não teria graça nem piscando as pestanas.

Meu outro desencanto foi quando soube que Anthony Quinn, um de meus atores favoritos, na verdade se chamava Antonio Quiñones.

Que jeito de perder o glamour!

Alguém depois me disse que os artistas de todos os ramos usavam pseudônimos.

Que além dos poetas como Pablo Neruda (Neftalí Reyes) e Gabriela Mistral (de nome Lucila Godoy), até os cantores usavam. Principalmente todos esses cantores da "nova onda", como eram chamados, e que começavam a ser ouvidos a cada instante em cada uma das emissoras do país.

E como exemplo, me deram três joias:

Um sujeito que se chamava Patrício Núñez se batizou como Pat Henry; Pat Henry e seus Diabos Azuis. Outro, um tal de Javier Astudillo Zapata, passou a se chamar Danny Chilean. E uma colegial, Gladis Lycavecchi, se converteu numa grande estrela da canção e das fotonovelas com o artístico nome de Sussy Veccky.

Foi assim que, para não ficar por baixo, comecei a procurar meu pseudônimo artístico. Depois de muito pensar, inventar e compor nomes – alguns tirados da revista Écran, outros do santoral do calendário e até de uma velha Bíblia que havia em casa, única herança do meu avô paterno –, nenhum me convencia. Até que uma tarde ouvi a vizinha ilustrada da viela falando com meu pai:

"Sua filha é uma fada contando filmes, vizinho, e sua varinha mágica é a palavra. Com ela, nos transporta."

Então, tive a ideia. *Acendeu a luz do sótão*, como dizia meu irmão maior. Eu ia me chamar Fada Docine.

Fada Docine.

Repeti o nome várias vezes e achei que soava bem; deixava inclusive um sabor afrancesado na boca.

E o melhor é que não tinha nenhum *eme*.

[21]

Foi assim que da noite para o dia, e quase sem que a gente percebesse, a sala de casa se transformou em algo parecido a uma pequena sala de cinema contado.

Distribuímos o ambiente em duas partes, igual que no cinema do povoado. Atrás, junto da poltrona do meu pai e do banco dos meus irmãos, acomodamos todos os cacarecos que servissem para alguém sentar, e essa ficou sendo a plateia. A galeria passou a ser a parte da frente, onde todos, especialmente as crianças, se sentavam no chão. A janela, que era o balcão, foi suspensa.

Foi fechada.

Pusemos uma tranca.

E não apenas para que ninguém me visse e ouvisse sem dar sua doação, mas porque alguns meninos da outra viela – com quem meus irmãos viviam se pegando a pedradas desde sempre – começaram a aparecer nas horas em que eu contava os filmes e desandavam a jogar coisas pela janela: chicletes, cuspidas, balões com água, merda seca.

Certa vez jogaram um rato vivo.

Na porta pusemos um quadro-negro onde diariamente escrevíamos o título do filme que ia ser contado, e a hora em que começava a função. Na parte de baixo, com letra menor, acrescentamos:

"*Não é permitida a entrada de cachorros.*"

Meu pai era o encarregado de receber as doações. Sentado em sua poltrona de rodas, se instalava na porta com uma caixa de sapatos nos joelhos. Os donativos não iam além de cinco pesos, para os adultos, e um peso para as crianças. No cinema, a entrada custava cinquenta.

Meu irmão mais velho fazia o papel de porteiro, e os outros, de lanterninha.

Para deixar bem claro como as coisas iam bem, basta dizer que as crianças que não tinham um peso se revezavam nos furos das chapas de zinco para me ver. Além disso, um dos vendedores de balas do cinema, aproveitando o tempo entre o final da sessão vespertina e o começo da noturna, que era a hora da minha função, vinha parar no lado de fora da minha casa.

Vespernoturna, batizou meu irmão a hora da minha função.

[22]

Nos dias em que não podia ir ao cinema porque passavam algum "só para maiores de 21", não havia nenhum problema. Como eu tinha uma memória que a gente podia chamar de cinematográfica, repetia os filmes de maior êxito durante a semana. Naqueles dias, como todos os adultos iam ao cinema, a casa se enchia só de crianças e de algumas velhinhas que chegavam praguejando contra "esses filmes porcos" que o agente de filmes trazia para o cinema.

No entanto, para nós os melhores dias eram aqueles em que não havia função no cinema da Mina. Isso acontecia de vez em quando, e por diferentes razões:

Porque o filme não havia chegado.

Porque o projetor tinha quebrado.

Porque o Manco Filmeiro estava adoentado.

Essa última razão queria dizer que ele havia ficado tão bêbado que ninguém tinha conseguido levá-lo até o cinema, nem mesmo num carrinho de mão, como aconteceu certa vez, conforme nos contava meu pai.

Foi a vez em que passavam um filme de Jorge Negrete. O cinema estava lotado e o operador não aparecia. Alguém contou que o tinha visto dormindo uma bebedeira, na mesa do bar. Então, uns rapagões, coligados com o gerente do cinema, foram buscá-lo, o puseram num carrinho de mão e o levaram pelo meio da rua principal. Chegando no cinema, o arrastaram até a sala de projeção. E lá o despertaram aos tabefes, molharam sua cara e o obrigaram a passar o filme.

Quando o cinema não abria, eu escolhia um filme mexicano para contar, desses cheios de canções, que eram os favoritos do público. Naquelas ocasiões a casa se enchia tanto que não sobrava nada além de um espaço muito estreito para que eu me mexesse.

Essas sessões com muito público eram as melhores para mim. Meu pai comentava que eu tinha uma espécie de pânico de palco ao contrário. Uma espécie de "êxtase de palco", dizia rindo. Pois quanto mais gente me ouvia e via, melhor eu contava o filme. Como desfrutava com aqueles aplausos do público ao final das minhas narrações!

Naquela altura já tinha começado a cumprimentar o público feito as atrizes de teatro, que eu, é claro, só havia visto em filmes.

Ao terminar, enquanto as pessoas explodiam em aplausos, entrava correndo no quarto ao lado, esperava um pouquinho, respirava fundo e tornava a sair e a cumprimentar com aquela reverência de meio corpo que eu adorava fazer.

Havia ocasiões em que as pessoas me faziam voltar até três vezes.

[23]

Depois dessas sessões os aplausos ficavam ressoando em mim a noite toda, a ponto de eu não conseguir conciliar o sono. Em meus desvelos pensava em minha mãe, e chorava em silêncio debaixo das cobertas. Quando ela nos abandonou, do mesmo jeito que meu irmão começou a gaguejar eu me cobri de piolhos brancos. As vizinhas diziam que esse tipo de piolho aparecia quando a gente tinha alguma dor na alma. E como a dor era pela minha mãe, comecei a comer os piolhos de amor por ela.

Tanto assim eu amava minha mãe.

Tanto assim eu sentia falta dela.

Como ela se sentiria orgulhosa agora, eu dizia a mim mesma, se visse como as pessoas me ouvem e me aplaudem!

Será que a aplaudem tanto como a mim, depois de suas danças? Será que ela mudou seu nome por outro, mais artístico? Será que continua usando aqueles lenços de seda, tão bonitos? Sufocando-me debaixo das cobertas, eu a imaginava dançando seminua, num palco enfeitado com luzes coloridas que acendiam e apagavam. É que num daqueles dias eu tinha ficado sabendo, por algumas mulheres na fila do pão, que minha mãe havia ido embora para ser dançarina num teatro de revista.

Diziam que "a cabeça oca da Magnólia" tinha sido embromada pelo diretor de uma companhia picaresca que passou pela Mina, e levou-a para a capital com a promessa de transformá-la em vedete. O que não entendi direito foi o que uma delas disse, piscando para as outras: que vários viúvos tinham ficado chorando a sua fuga, e que o mais triste de todos era o senhor administrador.

Minha mãe tinha vinte e seis anos quando foi embora. E apesar de ter tido cinco filhos em cinco anos seguidos (o primeiro ela teve aos catorze) conservava um porte invejável. Disso eu me lembro perfeitamente porque várias vezes, quando estávamos as duas sozinhas em casa, eu a vi dançar com roupa íntima na frente do espelho.

No entanto, seu rosto ia se desvanecendo em mim, ia se apagando como o de uma atriz que tinha parado de fazer filmes há muito tempo. Outra coisa que me acontecia era que, de tanto ver e contar filmes, muitas vezes eu os embaralhava

com a realidade. E me custava lembrar se determinada coisa eu tinha vivido ou visto projetada na tela. Ou se havia sonhado. Porque acontecia que até meus próprios sonhos eu confundia depois com cenas de filmes.

A mesma coisa acontecia com as lembranças mais lindas da minha mãe. As imagens dos poucos momentos felizes vividos com ela iam se desvanecendo na minha memória, inapelavelmente, como cenas de um filme velho.

Um filme em branco e preto.

E mudo.

[24]

Uma vez li uma frase – com certeza de algum autor famoso – que dizia algo assim como a vida está feita da mesma matéria dos sonhos. Eu digo que a vida pode perfeitamente estar feita da mesma matéria dos filmes.

Contar um filme é como contar um sonho.

Contar a vida é como contar um sonho ou contar um filme.

[25]

Enquanto isso, minha fama crescia cada vez mais. Tanto assim, que de repente começaram a me chamar para contar filmes a domicílio. Principalmente os funcionários e os comerciantes, que eram os mais abastados da Mina.

Então, como o dinheiro que juntávamos em minhas apresentações estava sendo suficiente para que nos déssemos pequenos luxos, como comprar bebidas para o almoço e me mandar ao cinema praticamente todo dia – apesar de quase todo meu lucro ir para as garrafas de vinho de meu pai, que aumentaram visivelmente em quantidade e qualidade –, não sei de quem foi a ideia de mandar imprimir cartões de visita. Com filetes dourados e uma letra cheia de firulas:

FADA DOCINE
Contadora de filmes

Foi aí que começou a minha desgraça.

[26]

A primeira pessoa que me contratou foi dona Mercedes Morales, a costureira que vivia em frente da praça, uma das melhores mulheres que conheci na vida. Dona Mercedes mandou me buscar para que eu contasse *La Violetera*, filme interpretado por Sarita Montiel e Raf Vallone, que tinha passado no cinema uma semana antes. Ela não assistiu porque havia ido até o porto comprar tecidos e botões.

Eu me lembrava perfeitamente do filme. E a canção que dava o título eu sabia de cor, porque sempre tocava no rádio.

Além disso, na tarde em que cantei essa canção em casa havia recebido um dos aplausos mais longos da minha nascente carreira.

Assim que naquele dia, depois do almoço, parti para a casa da costureira. Meu irmão Mirto, forçado por meu pai, me ajudou a levar o caixote de chá com toda a minha cenografia espanhola. A mulher ficou encantada e foi muito generosa. Além de me dar uma blusa de tafetá de presente, de cor púrpura e com rendinhas, me pagou mais do que juntávamos em dois dias de doações em casa.

Dali em diante começaram a chegar montões de convites de outras casas.

Quase sempre era para contar filmes a anciãs ou anciões doentes, que não podiam ir até o cinema. O problema é que alguns me pediam filmes muito antigos, ou que eu não tinha visto. Com os antigos não tinha problema, partindo do pouco que eu me lembrava e com o muito que eu punha da minha própria lavra, dava muito bem para seguir em frente. Só uma vez me atrevi a contar um filme que eu não tinha visto. Foi quando dona Filiberta, a dona da única loja de balas e caramelos do povoado, mandou me chamar.

A anciã, meio louca segundo todo mundo dizia, estava a ponto de morrer e queria que eu contasse para ela um velho film – disse assim mesmo: *film* – de Libertad Lamarque. O filme se chamava *Besos brujos*, e dona Filiberta, revirando os olhos em branco, disse que lhe trazia recordações de um amor inesquecível. E me contou que a cena que mais recordava era quando Lamarque, banhando-se num belo lago de *águas azuis* (embora os filmes daquele tempo fossem em branco e preto, ela disse águas azuis), cantava uma canção linda que se chamava

Feito o passarinho.

– Você viu esse filme, menina? – me perguntou ela.

Eu menti, disse que sim, mas que não me lembrava muito bem. Que quando vi ainda era muito pequena. Mas que se ela me refrescasse um pouco a memória... A anciã, além de me fazer uma longa sinopse, com variados detalhes de trajes e paisagens, cantou inteirinha a canção do passarinho. Com isso tudo armei rapidamente uma história e fiquei contando o filme até que ela adormeceu.

Dona Filiberta, que já tinha noventa e dois anos de idade, e que havia enviuvado três vezes, morreu dois dias depois de eu ter estado em sua casa. Seus parentes, após o funeral, contavam a história de que a vovó Fili, como a chamavam, tinha dito que o filme que a menininha contou "nem chegava perto" do que ela havia visto, mas que ainda assim tinha gostado muito. Até mesmo mais que do outro.

"O outro durava apenas uma hora e quinze", ela havia dito sorrindo. "E essa menininha me contou um de quase duas horas".

Os parentes diziam que ela tinha morrido feliz.

[27]

Eu atendia aos pedidos de filmes a domicílio na hora da sesta, já que de manhã ia à escola e de tarde precisava ir ao cinema. Meus irmãos, entre reclamações e batidas de pé, se revezavam, obedecendo a meu pai, para me ajudar levando o caixote de chá. Eles me deixavam na casa onde eu tinha sido chamada e iam brincar. Ficavam de passar para me buscar dali a uma hora; uma hora era o tempo médio que eu levava para contar meus filmes.

Mas sempre ficavam brincando, e eu acabava tendo de me ajeitar sozinha. Aconteceu algo parecido no dia nublado em que fui contar um de caubói para o agiota da Mina.

[28]

Nosso povoado era um dos mais pobres da região. As pessoas não tinham nada para ver nem para fazer nas longas tardes do deserto. Não havia uma orquestra para ir dançar, não tínhamos banda de música que tocasse valsinhas nos fins de semana, no coreto da praça. Não tínhamos nem mesmo o dia do trem, que nos outros povoados onde havia estação era dia de festa.

A única coisa que nos restava era o cinema.

Acontece que o salário nem sempre dava para comprar a entrada. Todo mundo vivia de fiado, e para conseguir algum dinheiro antes dos dias de pagamento a maioria acudia para empenhar a carteira de identidade com o agiota.

O agiota se chamava dom Nolasco.

Era um homem comprido, todo cheio de ossos, furtivo feito cachorro do deserto. Com o tempo tinha chegado a se transformar no homem mais odiado da Mina. Não apenas por ser tão avarento, mas porque, além disso, trabalhava como vigilante no único galpão de solteiros do povoado. Lá, tinha de cuidar para que nenhum homem entrasse com bebida ou mulheres em seus quartinhos. E nessas coisas, dom Nolasco era tão rigoroso como na hora de cobrar seus empréstimos.

Nada passava debaixo de seus olhos de coruja.

Nas quintas-feiras, dia de pagamento na Mina, era comum ver as esposas dos peões rogando que, por favor, dom Nolasco, pago metade agora e o resto deixamos para a semana que vem, o que o senhor diz? É que preciso comprar leite para o bebê.

Mas não tinha jeito, o homem era duro e insensível como uma crosta de salitre.

Algumas vezes acompanhei mamãe para empenhar a carteira de identidade do meu pai e vi a cara inexpressiva do homem.

De verdade, parecia osso puro.

Ninguém jamais o havia visto sorrir.

[29]

O homem vivia numa casa escura e silenciosa, na última rua do povoado, pelo poente. Era domingo quando fui contar o filme.

E estava nublado.

As ruas, como sempre na hora da sesta, pareciam solitárias. E mais ainda naquele dia em que no campo de futebol, nas vizinhanças do povoado, estava sendo disputada a final do campeonato local. O futebol era a outra coisa que salvava as pessoas do árido tédio do deserto.

Quando cheguei na casa dele, com meu irmão Manuel (que meu pai obrigou a sair do campo para me ajudar), o agiota apareceu na porta, me olhou fixo e perguntou para quê era aquele caixote. Quando expliquei, disse, lacônico:

"Nada de disfarces."

Manuel, contentíssimo, se mandou imediatamente com o caixote para casa, e de lá, a todo vapor, para o campo. Eu, no começo, pensei que o cavalheiro queria imaginar os personagens do jeito que bem entendesse. Até achei que estava certo. Mas em seguida pressenti um traço de malícia na sua atitude. Mesmo assim, não dei importância ao meu palpite. Achei que devia ser influência de tantos filmes que vi.

O agiota morava sozinho. A cortina da janela estava fechada e a casa parecia penumbrosa. O que me chamou a atenção foi como a sala estava atopetada, tantos móveis antigos e baús empoeirados. Minha casa podia até não ter móveis, mas era muito mais luminosa que aquela.

As prateleiras estavam cobertas de coisas que as pessoas iam empenhar: rádios, máquinas fotográficas, aparelhos de louça, cortes de casimira inglesa. Imaginei dentro dos baús centenas de relógios e anéis de ouro. No canto do aparador, atado com elástico de prender dinheiro, via-se o maço de carteiras de identidade que as pessoas empenhavam. O povoado inteiro sabia que o agiota era tão receoso que levava as carteiras com ele para todos os lados, inclusive para a guarita onde trabalhava, para o caso de algum peão receber dinheiro do céu e querer resgatar o documento.

O homem estava pronto para receber dinheiro as vinte e quatro horas do dia.

Dom Nolasco sentou-se num sofá. E, de pé na frente dele, comecei a contar o filme.

Ele havia pedido uma fita do John Wayne, uma que tinham passado no cinema fazia pouco. Pela primeira vez, senti que minhas pernas tremiam.

Pela primeira vez não encontrava as palavras para começar minha narração. E me arrependi de ter deixado meu irmão ir embora.

Sentia medo.

O homem era o homem mau do povoado.

Quando eu estava começando a narração ele me interrompeu de maneira dura para me dizer que não ouvia bem de um ouvido, que me aproximasse mais. Depois me disse que seria melhor contar o filme sentada em seus joelhos.

Falou num tom cortante, que não me atrevi a desobedecer.

Sentada nos ossos de seus joelhos, comecei de novo. O homem me olhava de um jeito esquisito. Então percebi que o filme não interessava nem um pouco. Mas era tarde demais.

Naquele momento o agiota começou a me fazer o que me fez. O medo transformou meu corpo em gelatina e não atinei a nada. O homem fez comigo o que quis, principalmente da cintura para baixo.

Embora eu tivesse feito alguma coisa com alguns amigos de meus irmãos, nos tempos em que os acompanhava até as salitreiras velhas, aquilo não havia passado de brincadeira de criança. Agora sentia que tinham me rasgado por dentro.

E saí dali como se estivesse aluada.

Enquanto caminhava de volta para casa, como se pisasse sobre esponjas, fui deixando cair, uma a uma, o punhado de moedas que o homem pôs à força em minha mão antes de me deixar ir embora. Uma infinita sensação de vergonha embaraçava meu espírito. Eu me sentia impura até mesmo para receber o ar que respirava.

Ao dobrar a esquina de minha viela avistei meu pai na porta e tratei de dissimular da melhor maneira que consegui. Não queria vê-lo sofrer mais do que já sofria. Meu pobre velho cochilava com a cabeça abatida sobre o peito. Meus irmãos o haviam deixado ali, acompanhado pela sua garrafa de vinho. Fiquei olhando para ele, afundado em sua poltrona de rodas – imprestável da cintura para baixo. Então, de repente, e de uma forma obscura, entendi a razão

de fundo pela qual minha mãe o havia abandonado.

Recordei, além do mais, que quando ela foi-se embora o céu estava nublado.

[30]

De tarde, fui ao cinema como sempre. Depois, em casa, contei o filme rapidamente e sem nenhum entusiasmo. Disse que estava com dor de cabeça. Ainda bem que havia quase só crianças, e as reclamações foram poucas. Depois levei meu irmão mais velho para o pátio e, sentados num dormente, contei o que tinha acontecido.

Para minha própria surpresa, contei sem chorar. Estava embargada de uma rara serenidade que me mantinha flutuando no ar. Ele me ouviu o tempo todo em silêncio.

Não pronunciou uma única palavra.

Quase não pestanejou.

No final – presa de um vago sentimento de culpa – fiquei com a sensação de que não devia ter contado nada.

[31]

Duas semanas mais tarde, na manhã de uma quinta-feira, dia de pagamento, acharam o agiota morto em sua guarita de vigilância. Estava jogado no chão de tábuas baldeadas com petróleo, com todas as carteiras de identidade espalhadas sobre seu cadáver. Tinha sido morto a golpes com o cabo de uma pá.

Os quatro guardas que formavam a guarnição do destacamento – todos gordos e frouxos de inatividade –, finalmente tiveram com que se distrair. Além de envenenar cachorros e percorrer as ruas com displicência, com as mãos entrelaçadas nas costas, o único trabalho que faziam era levar presos, cada fim de semana, dois ou três bebadinhos para que varressem o destacamento e limpassem a bunda dos cavalos.

Os primeiros suspeitos foram os donos dos documentos empenhados. Os guardas interrogaram cada um deles, em especial os maridos de um par de mulheres que para recuperar os documentos – todo mundo no povoado sabia disso – entravam de noite na casa do agiota. Mas todos se livraram de qualquer acusação.

Como o morto não tinha familiares conhecidos, passado um breve tempo os habitantes do acampamento se esqueceram do assunto, e ninguém se importou que seu assassinato ficasse sem se esclarecer. Pelo contrário, eram muitos os que não conseguiam dissimular a cara de contente, pois com sua morte a dívida de todos ficou anulada. Falava-se que até os guardas andavam com um sorriso de orelha a orelha. Eles também viviam enforcados pelos empréstimos de dom Nolasco.

Além disso, por aqueles dias anunciou-se no cinema *Os dez mandamentos*.

Ninguém falava de outra coisa.

[32]

O tempo passou lento e tranquilo, como deve passar, eu acho, em todos os desertos do mundo. Eu estava por fazer treze anos, usava minissaia (recém-inventada por Mary Quant) e continuava contando meus filmes.

Tinha cada vez mais público.

Havia crianças que recebiam dinheiro de seus pais para irem ao cinema, e preferiam vir para a minha casa, fazer uma doação mínima e gastar o resto em bobagens. E muitos adultos analfabetos, quando o filme era "com letras", escolhiam ouvi-lo contado por mim em vez de ir ao cinema e não entender nada. E descobri também que tinha gente que vinha me ouvir não porque não pudesse pagar a entrada do cinema, mas porque o que gostavam de verdade era que alguém contasse os filmes.

Alguns diziam que eu era tão boa para caracterizar os personagens que, só com piscar os olhos, podia passar da expressão de candidez de Branca de Neve à ferocidade do leão da Metro Goldwyn Mayer. E que me ouvir era como ouvir aquelas radionovelas que eram transmitidas dia a dia lá da capital, pois, além de imitar vozes e fazer caras, eu sabia manter a plateia em suspense.

Naquele tempo descobri que todo mundo gosta que alguém conte histórias. Todos querem sair da realidade um momento e viver esses mundos de ficção dos filmes, das radionovelas, dos romances. Gostam até que alguém lhes conte mentiras, se essas mentiras forem bem contadas. Essa é a razão do êxito dos embusteiros de fala hábil.

Sem nem ter pensado nisso, para eles eu tinha me transformado numa fazedora de ilusões. Numa espécie de fada, como dizia a vizinha. Minhas narrações de filmes os tiravam daquele amargo nada que era o deserto, e mesmo que fosse por um instante os transportava a mundos maravilhosos, cheios de amores, sonhos e aventuras. Em vez de vê-los projetados numa tela, em minhas narrações cada um podia imaginar esses mundos ao seu bel prazer.

Certa vez li por aí, ou vi num filme, que quando os judeus eram levados pelos alemães naqueles vagões fechados, de transportar gado – com apenas uma ranhura na parte alta para que entrasse um pouco de ar –, enquanto iam atravessando campos com cheiro de capim úmido, escolhiam o melhor narrador

entre eles e, subindo-o em seus ombros, o elevavam até a ranhura para que fosse descrevendo a paisagem e contando o que via conforme o trem avançava.

Eu agora estou convencida de que entre eles deve ter havido muitos que preferiam imaginar as maravilhas contadas pelo companheiro a ter o privilégio de olhar pela ranhura.

[33]

Meses mais tarde, meu pai morreu.

Expirou uma tarde, em casa, sentado em sua poltrona de rodas, enquanto eu contava um filme mexicano. Acho que foi justo nos instantes em que me ouvia interpretar *Ela*, o mais belo tema de José Alfredo Jiménez.

Eu não tinha como saber que aquela canção fazia que ele recordasse a traição de minha mãe.

Me cansei de rogar,
Me cansei de dizer
Que sem ela eu
De pena morro.
E não quis me escutar,
E *se seus lábios se abriram*
Foi só para me dizer: "Já não te amo".

E lá ficou ele, sentadinho direitinho em sua poltrona, com sua manta boliviana cobrindo suas pernas inúteis; ficou com os olhos abertos, agarrado em sua caneca de vinho tinto. Nós só percebemos sua morte no final da minha narração, quando não irrompeu em aplausos como era seu costume.

O praticante do povoado falou em enfarte.

Além da dor de ficarmos sozinhos no mundo, havia o problema da casa: meus irmãos e eu íamos ficar sem ter onde morar. Depois do acidente, a companhia tinha deixado meu pai continuar usando a casa por causa de sua impecável folha de vida laboral. Em todos aqueles anos de trabalho jamais faltou, nem mesmo por doença. Trabalhava de segunda a domingo, inclusive feriados, sem excluir Natal ou Ano Novo, e até em dois turnos seguidos quando era necessário (essa era uma das coisas de que minha mãe reclamava). Mas agora que ele não estava mais e não havia nenhuma pessoa maior que respondesse pela família, o normal é que tivéssemos que entregar a casa.

Por sorte, Mariano, que faltava só alguns meses para completar dezoito anos, conseguiu um trabalho de mensageiro. Por isso a companhia nos deixou continuar morando na casa.

Muita gente disse que tinha sido de pena do senhor administrador. Mas eu, com meus treze anos feitos – e com um corpo que aparentava pelo menos dezesseis –, percebia que não tinha sido de pena.

Percebi pela maneira com que o gringo não deixou de me olhar no dia do funeral de meu pai.

[34]

E assim continuamos morando no povoado e ocupando a mesma casa, agora entregue ao meu irmão mais velho. Naquele ano saí da escola e passei a ser a dona da casa.

Além de fazer as camas e lavar os pratos, tive que aprender a cozinhar e a lavar roupa.

De tarde continuava contando filmes.

Quando estava quase fazendo catorze anos, a mesma idade da minha mãe ao ter seu primeiro filho, me fiz amante do senhor administrador. Mas durante o tempo entre a morte de meu pai e a chegada dos meus catorze anos, ocorreu uma série de acontecimentos na minha vida, um rosário de circunstâncias nefastas que foram me levando irremediavelmente para os braços do gringo.

Um gringo velho e avermelhado, de "assinatrados" olhos azuis, que fazia tempo andava "arrastando a asa para o meu lado", como dizia meu pai sobre os homens que ele achava que andavam atrás de mamãe.

Isso de "assinatrados olhos azuis", vocês sabem, é por causa de Frank Sinatra, outro de meus atores favoritos.

[35]

A primeira coisa que aconteceu depois da morte de meu pai foi a tragédia de meu irmãozinho Marcelino. Uma noite, enquanto brincava de esconde-esconde no beco, foi atropelado pelas rodas traseiras do caminhão de lixo. Morreu na hora.

Como chorei, grudada em sua cabecinha de livro!

Tempos depois, meu irmão Mirto, que nunca tinha namorado, se engraçou com uma viúva jovem que andava pela Mina de visita, uma viúva negra que sorveu seus miolos de tal forma que ele não titubeou em ir com ela para a cidade de Coyhaique. Mais de quatro mil quilômetros ao sul do país!

Foi-se embora sem avisar ninguém.

Ele tinha dezesseis anos, a viúva tinha vinte e oito.

Depois, um clube de futebol profissional que andava de excursão pelo norte fez um jogo amistoso com o time da Mina.

Quando viram meu irmão Manuel jogar, ficaram tão impressionados com seus dribles e passes firulados que o levaram para a capital, para treinar nas divisões inferiores.

Ele, pelo menos, se despediu.

No entanto, a coisa verdadeiramente triste – tão triste como a morte de meu irmão Marcelino – foi o que aconteceu com Mariano, meu irmão mais velho. Como já trabalhava na Companhia e ganhava um salário de homem feito, se deu para a bebida. Do trabalho ia beber com seus amigos. Certa noite, bêbado feito uma cabra, teve a infeliz ideia de contar no balcão do bar, e a toda voz, que foi ele quem matou o sacana do agiota. Dois dias depois os detetives do porto vieram buscá-lo e ele foi levado preso.

Nunca disse que tinha matado para vingar a sujeira que o homem havia feito comigo. Só se limitou a dizer que foi para roubar dinheiro, e que nos bolsos do avarento de merda só achou farelo de pão.

Para fechar o quadro, naqueles mesmos dias chegou no povoado o primeiro aparelho de televisão, artefato que, segundo previam todos, acabaria de uma vez e para sempre com o cinema. A prisão de Mariano e a chegada da televisão, coisas que aconteceram quase em uníssono, definiram meu destino.

Com a ausência de meu irmão eu ficava sem casa, e com o assunto da televisão eu corria o perigo de ficar sem ofício.

[36]

O dia que chegou o primeiro aparelho de televisão no povoado foi um verdadeiro espetáculo.

Dom Primitivo, o dono da confeitaria, havia propagado aos quatro ventos que estava viajando até o porto para trazer "um rádio com desenhos animados". Inclusive já tinha mandado fazer uma antena de cobre de seis metros de altura. E com isso, na tarde em que desembarcou com uma enorme caixa de papelão como única bagagem, metade do povoado estava esperando por ele.

O mais corpulento dos jovens botou no ombro a caixa que dizia *Westinghouse* e começou a andar rodeado pela multidão. Enquanto um bando de meninos saltava ao seu redor tratando de tocar a caixa, os mais velhos, excitados pela emoção, diziam a ele que andasse devagarinho, que aqueles bicharocos eram delicados. Como se de verdade tivesse se tratado da imagem da Virgem de Tirana, o aparelho chegou na confeitaria seguido por uma verdadeira procissão de fiéis.

Isso foi o que me contaram depois. Naquela hora eu estava vendo um filme de caubói, com Gary Cooper. Quando cheguei em casa não havia ninguém me esperando. Preparei uma xícara de chá, que tomei tratando de pensar em nada mais além do filme que tinha acabado de ver.

Esperei um pouco, sentada à mesa.

Depois, pus o cinturão com os revólveres de pau e o chapéu de aba larga, e na frente do espelho comecei a treinar o "olhar de aço" de Gary Cooper. Treinei um pouco o "saque": puxava os revólveres o mais rápido possível, atirava, fazia com que girassem em meu dedo indicador e tornava a colocá-los no coldre.

Fazia pouco que eu tinha aprendido que os caubóis engraxavam as cartucheiras e poliam a mira para sacar mais rápido. Meus revólveres não tinham mira, portanto eu só precisava engraxar as cartucheiras. Pensei: amanhã mesmo vou conseguir um pedaço de graxa no armazém.

Depois fiquei parada na porta.

Mas não chegou ninguém.

Alguém passou correndo e me gritou da outra calçada que todo mundo estava lá no dom Primitivo, vendo a novidade da televisão.

Fechei a casa e fui ver que alvoroço era aquele.

[37]

Na confeitaria, com o catálogo nas mãos e ajudado pelo eletricista do povoado, dom Primitivo estava pelejando para fazer a geringonça funcionar. Havia sido instalada numa das prateleiras atrás do balcão, entre os frascos de caramelos e a estantezinha dos cigarros. O lugar estava mais cheio que nunca. Até o par de guardas, que fazia sua primeira ronda noturna, tinha ficado para ver a novidade.

Enquanto o eletricista verificava tomadas e conexões, dom Primitivo, revirando o catálogo como se fosse o mapa de um tesouro de pirata, fazia girar botões e apertava teclas como se estivesse ruim da cabeça. Ao mesmo tempo, lá no telhado dois homens mexiam a antena em todas as direções, conforme as pessoas lá embaixo iam gritando em coro:

"Mais para lá!"

"Um pouquinho mais para cá!"

"Mais para cá!"

"Um pouquinho mais para lá!"

Todo mundo ficava com os olhos grudados na tela esperando ver a qualquer momento alguma espécie de aparição celestial.

No entanto, com um insuportável ruído de cigarra cantando, tudo que se via eram simples listas ou pontinhos em ebulição, algo parecido a uma praga de gafanhotos que eu havia visto num filme.

Passado um tempinho, na tela começaram a surgir as primeiras imagens do que parecia ser um filme de guerra. As figuras surgiam borradas, como pessoas se movendo debaixo d'água. Mas não se ouvia absolutamente nada, só a fritura de torresmo – pois era isso que parecia ser aquele crepitar – e, de vez em quando, intermitentemente, alguns fiapos de frases que entusiasmavam a plateia.

Nos fugazes momentos em que imagem e som confluíam, as pessoas armavam um escândalo tremendo gritando para os homens da antena:

"Agora sim!"

Mas em seguida voltavam o crepitar e a praga de gafanhotos.

Eu olhava as pessoas emboladas na frente do aparelho – muitas delas assíduas de minhas narrações – e via como seus olhinhos brilhavam naqueles

segundos em que imagem e som coincidiam. Brilhavam como quando na minha casa, mostrando a máscara de Zorro, eu dava uma cambalhota com a espada e com três talhos certeiros deixava o Z claramente desenhado no ar.

[38]

Saí da confeitaria com sensações que se enfrentavam. Por uma parte, sentia que era verdade o que se dizia: que se a televisão conseguisse se difundir ia matar irremediavelmente o cinema.

Mas sentia também uma pequena esperança para o meu ofício, pois logo depois de saber de que assunto se tratava, disse a mim mesma que ninguém ia preferir olhar aquelas imagens fantasmagóricas – e naquela caixa tão fria – a ouvir como eu contava os filmes.

Embora percebesse perfeitamente que o aparelhinho exercia uma fascinação irresistível sobre quem olhasse para ele, também entendi que, uma vez passada a novidade, todos iam despertar, sacudir-se do feitiço como os cachorrinhos se sacodem da água, e iam voltar de novo ao cinema e à sala da minha casa.

E eu tornaria a contar meus filmes.

A *tele* – como alguns já a chamavam com intimidade – era assim como um chiclete novo: uma vez mastigado o suficiente, já não tinha gosto de nada e acabava sendo cuspido sem remédio.

Eles iam ver só.

[39]

Quando a televisão chegou, fazia uma semana que tinham levado meu irmão para a cadeia.

Certa manhã de segunda-feira, quando eu já começava a me perguntar por que ninguém da companhia mineradora vinha me comunicar que eu devia entregar a casa, apareceu o rosto vermelho do senhor administrador, emoldurado na janela.

Embora no deserto o sol jorre quase todos os dias do ano, aquela era uma dessas raras manhãs nubladas. Naquela altura eu já tinha claro que as coisas ruins me aconteciam em dias nublados. Se fosse verdade que "as aranhas só tecem em dias nublados", como dizia meu pai que sua avó repetia sempre, minha má sorte viria a ser uma espécie de aranha das mais laboriosas.

Quando o gringo pôs a cara na janela e me chamou com seu cômico sotaque estrangeiro, eu tinha posto o vestido da minha mãe, o rendado de bolinhas vermelhas que papai odiava tanto e que em mim já ficava perfeito.

Falei para ele entrar.

Entrou me olhando do mesmo jeito que tinha me olhado no cemitério. Com aquele mesmo brilhozinho que vi nos olhos do agiota quando eu, toda boba, sentada em seus joelhos contava o filme para ele. Mas o senhor administrador tinha melhor estampa que o velho roto do agiota. E tinha os olhos azuis. As pessoas diziam que era um gringo simpático.

Usava chapéu panamá.

Fumava cachimbo.

Falava um espanhol que fazia rir.

Também se falava que era casado quando chegou por estes pagos, mas que a mulher preferiu voltar para seu país quando viu a insuportável paisagem do deserto de Atacama. "Aqui as mulheres se transformam em estátuas de sal", dizem que ela falou.

O senhor administrador me perguntou se eu sabia que precisava entregar a casa.

Eu disse que sim.

Ele me perguntou se eu tinha para onde ir.

Eu disse que não.

Ele me perguntou se eu queria ficar.

Eu disse que sim.

Ele me perguntou se eu sabia fazer alguma outra coisa além de contar filmes.

Eu disse que não.

Então ele ficou me olhando. Sabido. Como se olhasse um cavalo de corrida.

Depois, deu uma pensativa tragada em seu cachimbo e começou a passear recortado contra a parede branca onde eu contava meus filmes. Comecei a observá-lo em silêncio. Quando parou e, com a mão no queixo tornou a me olhar, recordei – pelo seu gesto de pôr a mão no queixo – tê-lo visto em casa uma vez, falando com a minha mãe. Aquilo foi nos tempos em que meu pai ainda trabalhava.

"Vamos ver o que se pode fazer por você, mocinha", disse ele enfim.

A questão é que terminei trabalhando de empacotadora no armazém durante o dia e, durante as noites, dormindo nos braços do senhor administrador.

Embora não estivéssemos no campo, e aqui não fosse costume, eu tinha catorze anos e o gringo, cinquenta e um.

[40]

A televisão foi se apoderando do povoado feito uma epidemia desconhecida e altamente contagiosa. E, ao que parecia, sem antídoto conhecido.

Depois da confeitaria de dom Primitivo, foi o Clube dos Empregados, onde instalaram um novo aparelho. Antes que se passasse um ano, todo mundo tinha um em casa. Os peões, de 14 polegadas; os funcionários e a chefia, de 23. Os tetos das vielas de casas se transformaram em bosques de antenas e uma chuva de palavras novas começou a ser ouvida por todos os cantos: *áudio, sinal, seletor, canal, set*.

A televisão tinha vindo para ficar.

Pela primeira vez começaram a aparecer fileiras inteiras de assentos vazios no cinema. Da mesma forma, as pessoas deixaram de ir sentar-se na praça. Até as ruas começaram a parecer mais desertas do que sempre pareciam, principalmente na hora em que a televisão passava *Barnabás Collins*, um açucarado seriado de vampiros.

Quanto a mim, só de vez em quando alguma anciã enferma – e sem televisão – mandava me buscar para que contasse um filme antigo. Ou me convidavam para cantar no Sindicato dos Peões um número de fundo em algum sarau artístico.

Nessas ocasiões, e embora os aplausos já não fossem os mesmos de antes, eu voltava a ser feliz.

[41]

Foi nesse tempo que aconteceram algumas coisas que mudaram o mundo. Apareceram os hippies. O homem chegou na Lua (apareceu na televisão). Salvador Allende chegou ao poder. Uma vez, o comandante Fidel Castro passou pela rua principal do povoado (a gente só conseguiu ver, pelos vidros de uma camionete, sua barba flutuando).

No sul, em sua cidade natal, minha mãe se suicidou. Dependurou-se numa figueira. Disseram que tinha sido com um de seus lenços de seda, daqueles que ela adorava tanto.

Eu fiquei sabendo dois meses depois.

E então, aconteceu o golpe de Estado do general Pinochet. Com o golpe, desapareceram muitas coisas. Desapareceu gente. Desapareceu o trem. Desapareceu a confiança.

Desapareceu o senhor administrador.

Puseram um militar para ocupar o seu lugar.

E eu tornei a ficar sozinha. Ele foi embora sem se despedir.

Diziam que havia voltado para o seu país (outros murmuravam que tinha sido fuzilado). No fim, eu havia tomado algum carinho pelo gringo. Embora às vezes ele se embebedasse e batesse em mim, não era má pessoa.

Até me deu uma televisão de presente.

No fundo, era um solitário e um sentimental.

Sofria muito por causa da sua esterilidade. De certa forma, era como o meu pai: inútil da cintura para baixo.

[42]

Depois, como é sabido, chegou a hora em que fecharam a Mina. Todo mundo foi embora.

Todo mundo foi chorando.

Eu fiquei. Fiquei sozinha. Não tinha para onde ir, nem com quem.

De meu irmão Mirto, que fugiu com a viúva, eu nunca mais soube nada. A mesma coisa de Manuel, o jogador de futebol; jamais se ouviu falar dele em algum clube da capital. Alguém me disse certa vez que foi visto bêbado num bordel de Valparaíso.

E Mariano continua na cadeia. Quando estava a ponto de cumprir a sentença pela morte do agiota, teve uma briga com outro preso e o matou. Ele ficou ferido. Foi condenado a outros tantos anos. Só consegui ir visitá-lo umas poucas vezes.

Ele me pediu que não fosse mais.

Disse que fazia mal para ele.

A mim também fazia mal. Em seus gestos eu via o gesto dos bandidos dos filmes (falava cuspindo entre os dentes). Além do mais, depois de matar o agiota tinha parado de gaguejar. E isso me causava uma espécie de pavor inexplicável.

Minha última visita foi quando levei a notícia da morte da nossa mãe.

[43]

Creio que sou a única mulher que vive sozinha num povoado fantasma. Aqui, faço as vezes de guia. Ofereço folhetos que falam da história do salitre, ofereço fotos antigas, revistas *Écran*, bonecas de pano, caminhõezinhos de lata, coisas que encontro quando percorro as casas abandonadas.

Algumas pessoas que vêm ver os restos deste salitral abandonado me perguntam, atônitas, como pudemos viver nesses descampados.

Acham que a paisagem é pouco menos que a de uma província do inferno.

E eu respondo, orgulhosa, que para nós era o paraíso. Conto a vida que levávamos no povoado. Aqui ninguém morria de fome. Aqui um ajudava o outro. De noite podíamos dormir com a porta aberta que não acontecia nada. Os visitantes me escutam incrédulos. Alguns, com uma certa pena. Não faltam os que me chamam de saudosista. De romântica. De folhetinesca.

Muitos acham que sou louca.

Não me importa. Pelo contrário: quando estou mais inspirada, faço com que venham até esta casa – ou o que restou dela –, que é a casa onde morei minha vida inteira. E aqui conto para eles a história da menina contadora de filmes. E me escutam assombrados. Principalmente os jovens; no mundo tecnológico de agora, uma contadora de histórias é, para eles, inacreditável.

Ao entardecer, quando eles se retiram em seus veículos para as suas cidades, volto a ser o que sou: o fantasma de uma aldeia abandonada.

Ou serei uma estátua de sal?

Então, subo até a torre da igreja para contemplar o horizonte. Cada crepúsculo é como a panorâmica final de um velho filme, um filme em tecnicolor e cinemascope – e o ruído do vento batendo nas chapas de zinco é a trilha sonora. Um filme repetido dia após dia. Às vezes triste, às vezes menos triste.

Mas o final é sempre o mesmo:

Ao fundo dessa grande tela entardecida vejo meu pai se afastar em sua poltrona de rodas, vejo meus irmãos se afastarem, um a um, e minha mãe com seus lenços de seda ao vento. Vejo-os irem como se fossem os habitantes da Mina, vejo-os se dissiparem no horizonte como se fossem uma miragem,

enquanto a música vai se apagando pouco a pouco e em cima de suas silhuetas emerge rotunda, fatal, a palavra que ninguém na vida quer ler:

[FiM]

[44]

Embora vocês já conheçam o final da história, tem uma coisa sobre a minha mãe que eu jamais contei. Que me entristece contar.

Hoje, porém, vou contar.

Pensem – como acontecia às vezes no cinema do povoado – que o passador de filmes confundiu as latas e que o meio do filme ficou para o fim.

Num dia de inverno, no tempo em que eu era a amante oficial do senhor administrador, um circo chegou ao povoado. Um circo pobre, com a lona toda remendada. No meio dos números do programa do circo, vinha uma bailarina. Alguém veio me dizer que era minha mãe. Eu não quis ir vê-la. Não por orgulho, nem por raiva, mas de pena. Sentia pena dela, de seus sonhos truncados (como os meus), da pobre vida que ela devia levar naquele circo miserável. Ela teria, naquele tempo, uns trinta e seis anos. Eu estava com dezoito, trabalhava de empacotadora no armazém e era a amante de um homem que tinha quase quarenta a mais que eu. Um homem que jamais se casaria comigo. Um homem que além de tudo, segundo murmuravam as pessoas, também tinha sido amante da minha mãe.

Na verdade, éramos dois sonhos truncados.

Por isso naquela noite decidi me trancar em casa e não ir vê-la. Eu não ia aguentar.

Mais tarde soube que fiz bem, porque além da plateia quase vazia, o espetáculo havia sido patético.

As pessoas aplaudiam de pena.

Depois da sessão, enquanto os palhaços – que também trabalhavam de porteiros, malabaristas e mágicos – desarmavam a lona, senti um ruído de saltos altos se aproximando pela calçada e se detendo na frente da porta. Comecei a tremer.

Depois bateram na porta. E não me restou nenhuma dúvida. Era o jeito da minha mãe bater. Eu me apoiei atrás da porta lutando contra os desejos de abrir. Do outro lado ouvia-se a sua respiração. "Abra a porta, minha filha", dizia entre soluços. Eu também chorava. Éramos duas náufragas agarradas na mesma tábua. A casa, a rua, o povoado deixaram de existir. Estávamos só ela e eu, uma

em cada lado da porta.

Só ela e eu, uma em cada lado do mundo.

Passado um tempinho ela se cansou de chamar e eu ouvi o ruído de seus saltos altos se afastando. Enquanto uma parte de mim queria correr atrás dela, minha mão permanecia grudada na maçaneta. Fiquei três dias chorando sem descanso.

Depois, quando fiquei sabendo da sua morte, não derramei uma única lágrima. Foi como se eu já tivesse visto aquele filme duas vezes.

HERNÁN RIVERA LETELIER nasceu em Talca, Chile, em 1950, e passou a infância no povoado de Algorta, conhecido por suas minas de salitre. Depois de andanças pelo país natal e por Bolívia, Peru, Equador e Argentina, Letelier estabeleceu-se em 1973 em outra cidade salitreira chilena, Pedro de Valdivia, onde trabalhou como mineiro enquanto estudava para ser professor. Atualmente vive em Antofagasta, no norte do país.

Estreou na literatura no final dos anos 1980, como autor de contos e poesia. Seu primeiro romance, *La reina Isabel cantaba rancheras*, foi publicado em 1994, com boa acolhida por parte da crítica, e lhe valeu o Prêmio Consejo Nacional del Libro y la Lectura, uma das mais importantes láureas literárias de seu país. Ambientado no deserto chileno, o livro narra a vida de prostitutas que ali conviviam com trabalhadores solitários.

A aridez do norte, com suas paisagens desérticas, é tema recorrente em sua obra – muitos de seus livros retratam a decadência das minas salitreiras, em meados do século XX, fazendo com que as aldeias ligadas a esta atividade econômica se tornassem cidades-fantasmas.

Em 2001, o escritor foi nomeado Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras pelo ministério da Cultura francês. Em 2010, Letelier ganhou o Prêmio Alfaguara de romances por *El arte de la resurrección*.

*A contadora de filme*s é o décimo terceiro livro do autor, publicado em vinte países.

© Cosac Naify, 2012, e-book, 2014
© Hernán Rivera Letelier
© c/ o Guillermo Schavelzon & Asoc., Agencia Literaria, 2009

IMAGEM DA CAPA
"Dos pares de piernas", fotografia de Manuel Álvarez Bravo, 1928-29.
© Colette Urbajtel / Archivo Manuel Álvarez Bravo, SC.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Livia Deorsola
REVISÃO Thiago Lins e Débora Donadel
PROJETO GRÁFICO Paulo André Chagas
PRODUÇÃO GRÁFICA Lilia Góes

ADAPTAÇÃO E COORDENAÇÃO DIGITAL Antonio Hermida
PRODUÇÃO DE EPUB Fabian J. Tonack

1ª edição eletrônica, 2014

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rivera Letelier, Hernán [1950 -]
A contadora de filmes: Hernán Rivera Letelier
Título original: *La contadora de películas*
Tradução: Eric Nepomuceno
São Paulo: Cosac Naify, ano corrente

ISBN 978-85-405-0772-2

1. Ficção chilena I. Título.

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura chilena 861

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2º andar
01223-010 São Paulo SP
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3823 6560
professor@cosacnaify.com.br


BLOG
You
Tube

Este e-book foi projetado e desenvolvido em junho de 2014, com base na 1ª edição impressa, de 2013.

FONTE Andralis e Knockout
SOFTWARE Adobe InDesign e Sigil